

## Pequeno dicionário de expressões brasileiras: A-D

Jean Lauand<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta – como parte de um futuro Dicionário – notas e comentários a algumas gírias e expressões idiomáticas brasileiras (de A a D), buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

**Palavras Chave:** gíria brasileira. expressões idiomáticas brasileiras. uso, datação e sentido.

**Abstract:** This article presents (as part of a coming book) some entries of a Dictionary (with notes and comments) of Brazilian slang and idioms (A-D) on their datation, meaning and usage.

**Keywords:** Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

### Expressões brasileiras e seu surgimento na imprensa

Publico este artigo, como amostra do que será um livro, um Dicionário, para o qual agradeço antecipadamente as sugestões e críticas dos leitores.

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de preciosos periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real.

Os comentários a cada expressão procuram evidenciar a dinâmica da língua, como realidade viva, como mostramos – a Profa. Dra. Silvia Gasparian Colello e eu – em estudo específico: “A dinâmica da língua e suas tendências de evolução” (<http://www.hottopos.com/isle36/SilviaJean.pdf>). Uma mais extensa “parte” de nosso Dicionário já foi publicada em: <http://www.hottopos.com/isle36/jeandic.pdf> e um complemento em: <http://www.hottopos.com/rih52/29-38JL.pdf>.

Certamente, estou ciente do fato de que a datação de surgimento de uma expressão por meio de jornais e revistas envolve um grau de imprecisão, sobretudo em se tratando de gírias (que nem sempre têm lugar na imprensa “séria” – embora contemos também com revistas satíricas, jornais de esportes, enfim, de periódicos mais “descontraídos”).

---

<sup>1</sup>. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. [jeanlaua@usp.br](mailto:jeanlaua@usp.br)

# A

## **Acaba quando termina**

Em 1962, Chacrinha lança na TV Excelsior o show de calouros “A Hora da Buzina”, com o jingle que definia a anarquia da proposta do programa:

... É hora, é hora, é hora, é hora da buzina  
Um programa que acaba quando termina.

Não demorou para que a sentença se espalhasse para outros campos onde reinava a incerteza, sobretudo incorporando-se ao adagiário do futebol: jogo / campeonato só acaba quando termina.

## **(pura) Adrenalina**

Naturalmente, é inviável pesquisar na BN quando surgiu o uso de “adrenalina” como metonímia para energia, força e vigor, para atuação em esportes radicais, shows de rock, filmes de ação etc. Portanto, para atingir esse uso do termo por extensão de sentido, procuramos as formas mais usadas no caso: “adrenalina pura”, “pura adrenalina” e “muita adrenalina”. E obtivemos resultados interessantes. A pioneira desse uso metonímico na BN parece ser a jornalista Ana Maria Bahiana que, já em 1975, elogia a performance de Wanderleia no disco “Feito Gente”:

Na voz adrenalina pura de Wanderléia todas as peças se tornam populares, carregadas da mais sincera emoção... (“Opinião” RJ, 11-07-1975).

Somente três anos depois, voltamos a encontrar esse sentido estendido, em artigo de Antônio Teixeira Jr. sobre angustiantes incertezas políticas e iminentes quedas, intitulado precisamente “É muita adrenalina” (“Correio Braziliense” 11-04-1978). Uma terceira aparição desse sentido aparece em legenda de foto (“Jornal do Brasil”, 03-08-1980): “Baby Consuelo, ‘pura adrenalina’”. Já “adrenalina na veia” teve de esperar mais seis anos, a propósito de investimentos do governo para finalmente recuperar os então já desesperados centros de pesquisa e pós-graduação (“Jornal do Brasil”, 06-06-1986).

## **Almoço comercial x almoço executivo**

Novos tempos, novas realidades, novas formas de linguagem. Desde sua primeira aparição na BN em 1929, o “almoço comercial” imperou como prato econômico durante décadas, até desaparecer da BN-SP em 1979, substituído por novidades do mundo da alimentação. Oferecido a 4 mil réis em 1929 (“A Gazeta” SP, 19-02-1929), o “comercial” (depois “prato feito” ou “PF”) vai se firmando pela nova e crescente necessidade da sociedade de prescindir de comer em casa e almoçar fora, por conta do trabalho. O declínio do “comercial” caminha *pari passu* com as novidades: nos anos 60, a “lanchonete” (ainda cantada como novidade, em 1968, por Caetano em “Baby”); no final dos anos 70, o “almoço executivo” (originalmente,

denominado de modo ainda mais contrastante: “almoço do executivo”!); nos anos 80, a disseminação dos buffets de self service.

Uma notícia particularmente interessante é a Portaria do “Almoço Comercial” (não foi a única...), baixada pelo Governo do Estado de São Paulo em 1952, para “possibilitar aos que **são forçados** a fazer suas refeições em restaurantes, alimentação por preço razoável”, tabelando – com um incrível nível de detalhamento o cardápio e o ranking dos restaurantes – três categorias de “comercial”:

**1.a Categoria — Cr\$ 30,00**

Menu' — a) — pão e manteiga; b) — frios ou sopa ou um prato de massas; c) — salada ou legumes; d) — carne ensopada com legumes ou carne grelhada ou filé de peixe ou frango com arroz; e) — sobremesa; f) — café.

**2.a Categoria — Cr\$ 25,00**

Menu' — a) — pão; b) — frios ou sopa ou um prato de massas; c) — salada — arroz — feijão; d) — língua ou mocotó, ou rabada, ou figado ou miolos, ou um prato de carne ensopada; e) — laranja; f) — café.

**3.a Categoria — Cr\$ 18,00**

Menu — a) — pão; b) — massa ou sopa; c) — um prato de ensopado, ou rim, ou figado, ou miolos, etc.; d) — arroz e feijão; e) — banana ou laranja; f) — café.

II — Para efeito de classificação dos restaurantes nas categorias a que se refere o item anterior, fica adotado o sistema de pontos atribuídos a cada estabelecimento da seguinte forma:

	<b>N.º de pontos</b>
Maitre d'hotel .. .. .	5
<b>Materia! de serviço:</b>	
Cristofle ou metal prateado	15
Alpaca .. .. .	10
Aço inoxidavel .. .. .	5
<b>Serviço de louça:</b>	
Porcelana de 1.a .. .. .	15
Porcelana de 2.a .. .. .	10
Porcelana de 3.a .. .. .	5
<b>Atoalhados:</b>	
Toalhas de linho ou granité estampado .. ..	10
Idem de algodão .. .. .	5
Idem de outro tecido .. ..	3
Guardanapos de linho ou granité superior ..	10
Idem de algodão . . . . .	5
Idem de papel .. .. .	2
<b>Instalações:</b>	
De luxo .. .. .	15
De primeira .. .. .	10

Etc. "Correio Paulistano" (06-01-1952)

Três anos depois (06-05-1955) o mesmo jornal critica o governo pelo aumento da jornada dos funcionários públicos, reclamando em vão contra a "marcha do progresso". É o fim do almoço em casa:

Aumentando o horário de trabalho do funcionalismo em geral, o mais que se conseguirá será o agravamento de dificuldades em que se encontram pequenos funcionários que no período da manhã se entregam às ocupações mais humildes, ou de muitas mães de família que têm a responsabilidade dos arranjos da casa e do sustento dos filhos. Obrigando os servidores públicos a dois períodos, aumentar-se-á a procura dos meios de transporte coletivo no horário do almoço comercial criando dificuldades maiores do que as que já existe para o pessoal do comércio.

## Amigo da onça

Expressão imortalizada pelo genial personagem de Péricles, surgido na revista “O Cruzeiro” em 23-10-1943 e que frequentou as páginas dessa revista até 03-02-1962 (com uma curta sobrevida após a morte de seu criador em 31-12-1961). A piada que deu origem à expressão (e ao personagem) aparece por primeira vez na BN quase 5 anos antes, na satírica revista “Caretta” (RJ, 18-02-1939):

O José, um camarada esperto, chegou junto ao Manoel, o português da venda, e perguntou:  
— Diga-me uma coisa, Manoel: si você estivesse numa floresta e visse uma onça, que é que você faria?  
— Dava um tiro na onça, respondeu Manoel.  
— E si o tiro falhasse?  
— Dava outro tiro.  
— E si esse falhasse?  
— Dava outro.  
— E si acabassem as balas e você não acertasse a onça?  
— Eu correria.  
— E si a onça corresse atrás de você?  
— Eu subiria numa árvore.  
— E si ela subisse também?  
A esta altura o Manoel resolveu estrilar e perguntou:  
— Benha cá, José: hocê é meu amigo ou é amigo da onça?

Entre outras repercussões internacionais, a piada chegou à Itália, traduzida como “L’amico del giaguaro” e imortalizou-se em um filme do mesmo nome (1959 <https://www.youtube.com/watch?v=tWzQJSZRPEs>), em canção de Marisa del Frate (<https://www.youtube.com/watch?v=9af-hIWlkhA>), programas de rádio e sobretudo em um quiz de TV, conduzido pelo legendário Corrado (RAI 1961-1964), um *cult* muito recordado até hoje pelos italianos: quando um concorrente passava uma pergunta difícil para outro participante vinha a queixa: “*ma tu sei amico mio o amico del giaguaro?*”



<http://giovanilore.blogspot.com/2013/03/l-amico-del-giaguaro.html>

## Amigos, amigos... (negócios à parte)

Expressão muito antiga. Aparece na BN já em 1834:

Não creia alguém que que não simpatizamos muito com a nobre causa dos portugueses (...) porém cabe aqui o dictado – amigos amigos negocios á parte (...) (“Correio Official” (RJ, 25-11-1834)



“Careta”, (RJ, 13-11-1920)



“Amigos, amigos, negocios à parte” em “Sport Ilustrado”, (RJ, 25-07-1946)

## Anedota ou piada?

A língua espanhola distingue rigorosamente piada (*chiste*) de anedota (*anécdota*); esta é o relato sucinto de um fato curioso (não necessariamente jocoso) de uma passagem histórica ou de determinada personagem. Assim, a busca no Google (01-12-2020) da sentença “parece chiste pero es anécdota” produziu 119000 resultados. A mesma busca em português (“parece piada mas é anedota”) resultou em um único caso (e referindo-se ao português de Portugal). Também no português antigo do Brasil, até digamos as décadas de 1920 ou 1930, enquanto a piada se assume como pura ficção; em seu sentido original, a anedota, em princípio, quer se passar por algo verídico, algo realmente ocorrido, ainda que talvez com alguma dose de exagero ou ficção. A anedota está muito próxima das narrativas de “causos”.

Assim, tipicamente anedóticas, em seu sentido original, são as célebres tiradas como as de (ou atribuídas a) Churchill, George Bernard Shaw, Mark Twain etc. E entre nós, as de Emílio de Menezes, Paula Ney e tantos outros. Uma mínima amostra:

Telegramas trocados entre Bernard Shaw e Churchill.  
Convite de Bernard Shaw para Churchill:

- Tenho prazer e honra convidar digno primeiro-ministro para primeira apresentação minha peça Pigmaleão. Venha e traga um amigo, se tiver algum.

Bernard Shaw

Resposta:

- Agradeço ilustre escritor honroso convite. Infelizmente não poderei comparecer primeira apresentação. Irei à segunda, se houver.

Churchill

Em 1897, Mark Twain respondeu aos boatos sobre sua morte: “o relato da minha morte foi um exagero”.

O poeta Guimarães Passos, sempre muito doente, acabara de lançar seu novo livro, “Tratado de Versificação Portuguesa”. Emílio de Menezes, comentou:

- Coitado do Guima! Desde que o conheço, que ele, coitado, tem “tratado de ver se fica são”...!

A primeira das inúmeras aparições de “anedota” na BN, dá-se no “Correio Braziliense” (Londres, janeiro de 1809) e é, naturalmente, o relato de um episódio histórico, “uma anedota digna de ser lembrada”: a do jovem oficial que foi suplicar ao Conde O’Reilly, “Inspector Geral do Exercito Hespanhol”, que obtivesse a revogação da ordem da Inquisição de queimar-lhe os livros. E o conde respondeu: “que tudo quanto lhe podia fazer éra lamentar-se com elle; porque a mesma desgraça tinha acontecido a elle Conde”.

No Brasil, com o tempo (tendência já nítida na década de 40), passou-se a usar “anedota” também como simplesmente sinônimo de “piada”, uso que foi se consolidando nas décadas seguintes e o sentido original da palavra “anedota” foi se esvaziando. Perdemos então, a troco de nada, uma valiosa distinção. Assim, antes dessa sinonímia, se alguém contava uma anedota, presumia-se que era o relato de algo realmente acontecido e se parecesse exagerada ou inventada o autor confirmaria: “esta anedota é verdadeira”. Hoje, pelo contrário, presume-se que a piada (a anedota) é sempre inventada e se não, quem a conta dirá: “esta aconteceu de verdade”, como nas “piadas prontas” de José Simão.

Já tidas como sinônimas em 1940, “O Jornal” publicava a seção “Anedota do Dia” (na verdade dedicada a piadas e não a anedotas):



(“O Jornal” RJ, 17-10-1940)

Com “anedota” esvaziada de seu sentido original e tornando-se sinônimo de “piada”, os dois termos praticamente são intercambiáveis, dando margem a todo tipo de confusão e até a imprevistas novas e “originais” distinções. Assim, encontramos em “O Pasquim”, a partir de 1971, a seção “Antologia Mundial de Anedotas de Salão”, que apresentou centenas de **piadas** que, a rigor, não eram anedotas e, frequentemente, tampouco “de salão”... Seja como for, ao apresentar a nova seção, a Redação equivocadamente explica, dando às palavras um significado surpreendente ou até invertido em relação a seus sentidos originais:

A gente ia botar nesta série o título de Antologia Mundial de Piada de Salão. Depois, pensando bem, achamos melhor o termo ANEDOTA mesmo. ANEDOTA tem aquele sabor de coisa que ninguém inventou, de história nascida assim no ar, às vezes ingênua, às vezes picante, sem um estilo definido, sem sinal nenhum de seu criador. O que estamos desfilando aqui é justamente êste tipo de historinha. Que nós não inventamos, mas recolhemos por aí, no mundo inteiro. Muito mais anedota do que piada [!?!]. Deu para entender? (“O Pasquim” RJ, 19-10-1971).

### **Apelar para a ignorância**

Na BN, desde meados do século XIX até a década de 40, “apelar para a ignorância” era simplesmente uma inaceitável “desculpa”, pois herdamos do direito romano a exclusão da possibilidade de se invocar em defesa o desconhecimento da lei: “*ignorantia legis neminem excusat*”. Só em 1953 aparece na BN um primeiro registro do significado – em vigor até hoje – de “apelar para a ignorância” como alternativa de usar a violência física para resolver algum conflito:

... por esse processo o sr. Getúlio Vargas não ganha a parada. Só mesmo recorrendo à força bruta, ao manifestamente ilícito e vedado, ao que no futebol se chama “apelar para a ignorância” (“Diário Carioca”, 19-04-1953).

Hoje, até mesmo o simples “apelar”, em uso informal, aproxima-se desse novo sentido. Segundo o Houaiss: “recorrer a (expediente, ger. rude ou grosseiro, ou a esperteza) com fito de explorar a boa-fé ou o sentimento de outrem, para obter vantagem, sair de dificuldade ou atingir determinado fim. Ex.: quando se vê sem dinheiro, apela”.

### **Aviação (marca de manteiga)**

Em 1920, a marca “Aviação” se apresenta no mercado como símbolo do mais avançado progresso, em uma época que se autodenomina “era da aviação”:



Entre decrepitudes – Abandonaste o lyrismo e o parnasianismo?  
– E o pieguismo. Na era da aviação só é possível o estylo condoreiro.  
 (“Revista da Semana” RJ, 06-05-1911)

A primeira menção na BN da “Manteiga Aviação” dá-se em 1922:

O Sr. A Velludo, representante dos srs. Gonçalves, Salles & Cia. teve a gentileza de nos oferecer uma lata de manteiga “Aviação”, de que aqueles srs. são fabricantes em Passos, no Estado de Minas Geraes [seguem-se elogios ao produto].  
 (“A Federação” RS, 31-01-1922)

Ainda hoje, essa manteiga mantém elementos de embalagem antiga, para destacar o peso de sua tradição:



<https://www.revistalivemarketing.com.br/fri-to-conquista-a-conta-da-laticinios-aviacao/>  
Acesso em 23-11-2020

## B

### Baboseira

De uso antiquíssimo, quase bicentenário na BN, associando as asneiras, bobagens e disparates ao tolo, *babão*, *baboso* (ademais com fonética próxima a “boboca”, “babaca” etc. ). A primeira aparição na BN é:

Ora diga me, Sr. Redactor, à vista desta baboseira não se faz este homem digno da maior lastima?  
 (“Astro de Minas” 19-08-1828)

Mais de um século depois, aparece como uma crítica aos programas televisivos:



Revista Intervalo (RJ, No. 350, 1969): a baboseira sentimentalóide na TV, que despeja um balde no espectador

Mais recentemente, a expressão chega a se prestar como piada:



Meme da Internet <http://www.humordointerior.com.br/2016/04/17/so-baboseira/>

### **Baita**

Originalmente era usado como qualificação posterior ao substantivo para denotar grandiosidade, como nos textos que lemos no “Jornal do Commercio” de Manaus, no começo do século XX: “Como poeta é baita, escreveu já o magnífico poema (...)” (4-5-1905); “Preparo aqui recepção baita” (20-3-1910); “(Leão feroz que chegou...) O bicho é baita” (29-5-1910); etc.

Ou em “Fon-Fon” “- Oh! açudão baita (...) - Isso não é açude, meu filho; é o mar” (15-11-1924); mas em 03-01-1931, na mesma revista, “uma baita camoéca [embriaguez]”.

Com o passar do tempo, temos uma questão de alteração de posição em relação ao substantivo. Empregado como substitutivo atenuante do “puta”, “baita” se emprega antepositivamente como hiperbolizante, no sentido não só de “enorme”, como também de “fantástico, excelente, sensacional etc.” (Houaiss), em expressões como: uma baita festa, um baita zagueiro etc.

A transição parece estar na década de 30, talvez pelo surgimento do “puta” anteposto (?). A inversão de posição do “baita” aparece já em 01-12-1934 na revista “O Cruzeiro”: “(...) capaz de inspirar um ‘baita amor’ nas gentes”. E, em 14-08-1937 na mesma revista, “uma baita sorte”; “um baita azar” (1942) etc.

### **Bancar**

No sentido de querer aparentar (o importante, o rico etc.) já é registrado na BN em 1921:

(o banca) Ele é o faz tudo. *Banca* o importante em toda parte [é íntimo do Presidente, conhece a sociedade inteira etc.] Banca o elegante, o rico, o conquistador, o talentoso, o namorado, o almofada, banca até o que elle nunca conseguiu ser – homem... É triste e ridiculo, mas é do mundo... (“Fon-Fon” RJ, 12-11-1921)

Bancar, desde o fim do século XIX, era muito usado no sentido de ser o responsável – pelo jogo do bicho, roleta (a vermelhinha) etc. Na linguagem irreverente (por exemplo no debochado semanário “O Rio-Nú”), logo aplicou-se também, além de jogos de azar, como eufemismo para formas de relacionamento sexual (“bancar” o “jogo” – exercer o ato...) e de manter amantes, “Fulano está bancando a Sicraninhinha”. Ao fazer uma programação de filmes (fitas) da nova mania, o “cinematographo”, o articulista propõe um enredo:

Apparece o Pirapora bancando um jogo “moderno” [o “systema moderno” é o ato sexual de modo não convencional (“systema antigo”)] com uma gaja. (“O Rio-Nú”, 16-05-1908)

A Emma Madre Abadessa está bancando jogo pelo moderno... (“O Rio-Nú”, 23-12-1908)

Disse-nos a Santinha do “Palacete dos Tijolinhos” está bancando por todos os systemas. (“O Rio-Nú”, 08-01-1910)

Do “bancar”, realmente exercer o ato, passou-se – poucos anos depois, como vimos – a “simular”, “fazer-se de”.

### **Barbeiragem / barbeiro**

Nem bem chegou o automóvel ao Brasil e logo já se criou a gíria “barbeiragem” para as imperícias (semelhantes às praticadas por barbeiros em seus salões...) no trânsito – depois estendidas a qualquer erro grosssseiro em política, economia etc. – praticadas por desastrados “chauffeurs”. A primeira aparição na BN é de 1921:

E o 3.087 chocou-se com o 738

(O 3087) corria como um corisco pela avenida Beira Mar. Seu “chauffeur”, Cesar Paulo da Silva, não soube se arranjar quado pela sua frente surgiu o automovel 738, dirigido pelo “chauffeur” Luiz Paulino, e tal “barbeiragem” fez com que os dois vehiculos se chocaram, ficando muito damnificados. A policia do 13°. Districto soube do facto. (“A Noite” RJ, 23-09-1921)

Dois anos depois, o divertido semanário Fon-Fon (02-06-1923) registra a (frustrada) tentativa de vingança dos barbeiros em designar por “*chauffeur*” o colega que cometesse imperícias com a navalha, ferindo o rosto do cliente...

### **Barraco (/ barraqueiro)**

A expressão no sentido pejorativo de armar confusão, discussão escandalosa, recebe sua “certidão de nascimento” em matéria de Cláudia Cecília no Jornal do Brasil de 13-6-1993: “Barraco, este desconhecido – meninos e meninas que não hesitam e vão dando bolacha”. Junto com a descrição da recém nomeada espécie, há uma ilustrativa tirinha:



### Boa (mulher)

Já registrado em 1931.

(...) topar criaturas divinas, as tais bôas da gyria, que lhe davam corda no cinema ou no bonde, na sorveteria ou no omnibus... (“Fon-Fon” RJ, 21-11-1931)

O sucesso desta gíria, deve-se também ao fato de empregar uma palavra de significado que abarca um campo muito mais amplo, nada menos que o transcendental metafísico: “boa”, restringindo-o (e “legitimando” pela ambiguidade) à atração sexual de formas voluptuosas. Naturalmente, esse sentido acabou ganhando, a partir de 1948 na BN (“A Marmita”, SP, 28-04-1945) um intensivo, este inconfundível: “boazuda”.

### Bobo ou tolo? - bobo nem nada - de bobo não tem nada - desgraça pouca é bobagem

A expressão “não é bobo nem nada” começa a aparecer na BN em 13-12-1908 (“Jornal do Commercio” – AM). O fato interessante é que essa data assinala um marco da substituição da preferência na linguagem popular de “tolo” por “bobo”; e a de “Não é tolo nem nada” – empregada na BN desde 20-10-1888 (no “Diario de Noticias” – RJ) – pela nova forma (“Não é trouxa nem nada” é muito pouco usada).

Do mesmo modo, em primeira pessoa, “não sou bobo nem nada” surge na BN em 1908, com o cronista “Kakáu”, escrevendo que não vai explicar o que já é sabido (não seja que o venham a “chingar” com diversas palavras) e conclui: “E eu que não sou bobo nem nada, (sou até ladino de mais) para livrar-me dessas doces palavras (...) (“Vida Paulista”, 19-07-1908)

“De bobo não tem nada” aparece na BN em 1931, a propósito de um oportunista tenente Souler, que mudava de bando ao sabor dos ventos políticos:

Achava-se elle em Pernambuco quando rebentou o movimento revolucionario, e elle, que de bobo não tem nada, fez-se revolucionario rubro. (“Diario Carioca”, 26-04-1931)

Em 1876, surge na BN “Desgraça pouca é bobagem” e vai sempre se firmando (só na década de 1890, em uma única incidência, “Desgraça pouca é tolice”). “Do mesmo modo “bobalhão” vai, no começo do século XX, substituindo “toleirão” e, na década de 1910, já o supera amplamente. Firma-se a antiga expressão “bobo alegre” (que já aparece na BN em 10-02-1855, no “Diario do Commercio” – RJ). Com a preferência por bobo, fortalecem-se seus derivados: bobagem, bobageira, bobeira, bobeadada, bobajada, bobice e bobear. etc. Depois virão a “mão boba”, o boneco que recebe socos e volta a ficar em pé: “João Bobo” etc.

### **Boi de piranha**

Metáfora centenária, aparece poucas vezes até a década de 50 e, ganha vigor nas de 60 e seguintes, até hoje. Surge na BN em “A Noite” (RJ, 31-05-1921), para aludir a uma situação política:

O “boi de piranha” é o animal que os boiadeiros destinam ao sacrifício (...) O animal entra resignado na água mas um minuto depois começa a debater-se (...) [Uma vez devorado esse boi] os boiadeiros lançam então a boiada, que ganha a outra margem, indemne.

### **Bola pra frente**

A expressão, em sentido literal, já era muito usada antes, indicando também uma “tática” primária (e, por vezes, simplória) dos times em campo. Parece ser que em 1952 começa a ser aplicada em sentido mais geral, uso atribuído a um frasista (um tal H.M.L., “conhecido publicista”), que teria inventado uma série de expressões, entre elas:

“‘Bola pra frente’ – Continuar de qualquer modo”. (“Diário Carioca”, 22-08-1952)

A expressão vai aos poucos, ganhando espaço em diversas áreas, até que, em 1956, recebe um impulso do famoso colunista social Ibrahim Sued, que começa a usar e abusar da expressão, em seu espaço “Society” na revista Manchete. Um exemplo: na edição de 28-07-1956, Sued comenta a volumosa correspondência que recebeu e vai repassando ao leitor informações que importantes personalidades internacionais, fontes do jornalista, lhe enviaram. Mas quando abre as cartas que recebeu do Brasil, a primeira já é ofensiva – o leitor pergunta se um recente samba composto pelo jornalista é mesmo de sua autoria:

“Porque até agora não apareceu ninguém par acusá-lo de plagiário nesse samba, e também ninguém descobriu erro ortográfico” [aludindo maliciosamente a dois defeitos de que os inimigos acusavam Sued]. Mas, como a vida é assim mesmo, penso comigo mesmo: – Bola pra frente e muito equanil para eles”. [equanil era um “calmante” famoso daquele tempo.]

Também nesta época, o célebre jornalista esportivo Armando Nogueira mantinha uma coluna no “Diário Carioca”, intitulada precisamente “Bola pra frente”.

### **Botar a boca no trombone**

Esta expressão surge praticamente já com uma certidão de nascimento. Na seção “Frases quase históricas” da revista “Radiolândia” (RJ, 07-04-1956), recolhe-se esta:

O jeito é ir em frente, ou então botar a boca no trombone. (Aldem Vieira)

A expressão popularizou-se, pois a mesma seção a retoma quase dois anos depois!

Continuamos dizendo que o jeito é botar a bôca no trombone. (Aldem Vieira) “Radiolândia” (RJ, 25-01-1958)

## C

### **Cafajeste, salafrário, bandalho, canalha etc.**

Insultos antigos e publicados numa época em que a imprensa admitia linguagem muito mais agressiva e direta. Embora o Houaiss indique 1891 como a datação da palavra “cafajeste”, ela aparece na BN antes: a primeira incidência é de “O Tribuno” (PE, 14-06-1867) e é aplicada a um famoso político, que foi Presidente das províncias de Goiás e de Alagoas:

... o devasso, desbriado e imoral cafageste José Martins Pereira de Alencastre, presidente mais infame e barbaro que até hoje tem pisado o solo Alagoano (...) o miseravel cafageste Alencastre (...)

Também a datação de “salafrário” (Houaiss: a1913) é bem anterior: a primeira aparição na BN é em “O Astro de Minas” (23-10-1828), também em crítica contundente a um político, neste caso a um vereador de Barbacena:

Bem merece compaixao a pobre Camara de Barbacena entregue a um tal Salafrario!

“Bandalho”, aparece na BN em 1818 já no “Correio Braziliense” de 1818:

“nem deve servir de excepção a esta regra o máo comportamento do grulha Guimaraens, nem do bandalho do outro collega administrador (...)”.

Se “bandalho” atualmente está quase em desuso, “bandalheira” (surge na BN em 1831) continua vigente...

“Safado” e “safadeza”, palavras muito antigas, aparecem na BN nas décadas de 1820 e 1830 respectivamente. Originalmente em “safado” acumulavam-se os sentidos de devasso e gasto, desbotado.

“Canalha” é antiquíssimo (Houaiss a data em 1546) e originalmente se aplica a um conjunto de pessoas infames (“a canalha”), mais do que a um indivíduo concreto. Nesse sentido coletivo, aparece na BN desde o princípio (em 1808) e no sentido individual (“o canalha”, “aquele canalha”) só na década de 1870. Com o tempo, a situação se inverteu e na prática, hoje, usamos canalha só no sentido individual.

Outros insultos antigos (como “estroina” – 1852 na BN) caíram em desuso e surgiram novos, como trambiqueiro (1965 na BN; trambique, 1958).

### **Cafezinho e a mania brasileira de diminutivos (...até para aumentar!)**

No clássico *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda (1992) faz a importante sugestão de estudar a linguagem para a compreensão do brasileiro – “um estudo atento das nossas formas sintáticas traria, sem dúvida, revelações preciosas” – e o próprio autor ilustra esse caráter revelador da linguagem com nosso uso dos diminutivos (um uso certamente potencializado por influência africana em nossa língua):

Nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação “inho”, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los ao coração”. (p. 108.)

Para ficarmos com alguns exemplos, fomos educados a atenuar tudo com diminutivos; assim, até alguns dos enormes e sangrentos espetos do rodízio de carnes são diminutivos de carneirinha, como “maminha” e “fraldinha”; e muitos outros tornam-se diminutivo ao serem oferecidos, “coraçõzinho” e “franguinho”, acompanhados talvez de uma “caipirinha”, que sempre dá uma animadinha para manter aquele papinho etc. Até nossos criminosos e contraventores são afetivamente designados por Carlinhos Cachoeira, Fernandinho Beira Mar, Marcinho VP, Marcola etc.

Esse uso exagerado dos diminutivos, no qual o Brasil é campeão mundial, não é comum em muitos outros países: Ronaldo (Nazário), imediatamente ao chegar ao Barcelona deixou de ser “Ronaldinho” (muito esquisito para ouvidos espanhóis) e tornou-se simplesmente Ronaldo. O estranhamento para com o diminutivo aparece em uma conhecida piada espanhola sobre os mexicanos (o mexicano, como o brasileiro, é tipo do usuário de diminutivos):

O mexicano entra no restaurante e pede:  
- *Camarero, pues quiero un pollito con salsita de mayonesita y dos panecitos y agüita y ...*  
- (O garçon puxa o revólver e diz:) *Un diminutivo más y le abraso.*  
*¿Qué más quiere?*  
- (o mexicano emudece)  
- *¿Qué le pasa? ¿No va a seguir? Qué más quiere?? ¡¡Digame!!*  
- (o mexicano continua emudecido)  
- *¿¿Qué más quiere?? ¡¡Digame!! ¿¿Qué le pasa??*  
- *Es que he perdido el “apeto”...*

Claro, que se ele dissesse: – *Es que he perdido el apetito...*, **apetito**, poderia parecer diminutivo e ele tomaria um tiro.

Estamos tão acostumados ao diminutivo, que nem nos damos conta dos exageros, que nos parecem simpáticos, carinhosos e normais. Uma experiência nesse sentido é assistir a um vídeo de receitas da grande apresentadora da TV, Cátia Fonseca, muito simpática e espontânea. Escolhi um, quase ao acaso: “Manjar de coco dos deuses com calda de ameixa” (12-5-20): ([www.youtube.com/watch?v=WvlfIv9sfHQ&ab\\_channel=BandReceitasBandReceitas](http://www.youtube.com/watch?v=WvlfIv9sfHQ&ab_channel=BandReceitasBandReceitas)).

Transcrevo a partir de 11:42m:

Eu gosto de colocar um pouquinho de coco seco ralado, umas duas colherzinhas, três colherzinhas [vai mexendo a massa], se você quiser, você pode dar uma olhadinha. Ah, tá do jeitinho que eu gosto. (...) Passar para a forma, só dei uma umidecidinha com água e aí a gente vai virando a panelinha (...) se quiser fazer em potinhos, fica bem gostosinho também. (...) coco ralado na frigideirinha (...) vai ficar bem douradinho, não deixa parado porque ele passa do ponto rapidinho (...) deixa ele ficar moreninho: uns ficam moreninhos, outros ficam branquinhos (...) A gente aqui em casa gosta mais da calda assim cremosinha, mais líquida, porque a gente põe uma tacinha com a caldinha, aí você vai comendo e pondo mais caldinha, mas se quiser mais grossinha, fique à vontade. (...)



“a gente vai virando a... “panelinha”!

**Cafezinho.** Por essas e por outras, o ato de tomar socialmente um café, já nasceu no Brasil, como “cafezinho”, desde sua primeira aparição na BN em 1950:

Melhor é sahir a procural-a por casa dos collegas, palestrar um bocadinho, e ir tomar o cafézinho de tres vintens (forte pexinx!) no botequim do commercio (“A Marmota da Corte”, RJ, 06-09-1950).

Em 1857, Braguinha, o português dono do “A Fama do Café com Leite” – uma das primeiras casas de café do Rio, célebre também por seus anúncios de publicidade –, publica no “Correio Mercantil e Instructivo” uma peça de propaganda [notem-se os abusos do diminutivo] na qual, após falar de outros produtos disponíveis no Fama, gaba as prodigiosas virtudes de seu café:

Agora o que é primitivo [básico, essencial] é o cafezinho bem quentinho de manhã logo cedinho, e depois de jantar após um belo charutinho (...) que sabor não será! comtanto que seja cá da Fama: corrobora as fibras, dá alento ao coração, desvanece todo mal contagioso, cura hypocondria, amor desgraçado, paixão romântica, faz attrahir qualquer coração por mais petrificado que seja, etc. etc. Eis as excellentes virtudes deste precioso café. (24-05-1857).



Anúncio no Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Corte e  
Provincia do Rio de Janeiro para o Anno de 1854

**Diminutivo-aumentativo.** Por influência africana (provavelmente), o brasileiro emprega o diminutivo até como aumentativo.

No quimbundo, a língua angolana que mais influenciou o português do Brasil, as palavras da 10ª classe, a importante classe dos diminutivos têm como classificador (primeira sílaba) *ca*: “carimbo” é uma marquinha; “caolho” é híbrido: o diminutivo quimbundo *ca* + port.: *olho*. O *Aurélio* apresenta cerca de 500 palavras brasileiras de origem africana ou tomadas do quimbundo, uma das línguas de Angola que mais contribuiu para o português do Brasil. Recolho algumas da 10ª. classe: cabaço, caçamba, cachimbo, cacimba, caçula, cafife (de ficar encafifado), cafuné, camundongo, candango, canjica, caolho, carimbo; calombo, capanga. Já em 1841, temos um transbordamento de diminutivos em torno de “caçula”:

Suspirou com tanta força, com tanto geito, que o papaizinho, persuadido que se ia pelos ares a mimosa almazinha de sua caçula, correu pela porta fora, e d’ahi a pouco estava a casa cheia de doutores. (“Diário do Rio de Janeiro”, 11-03-1841)

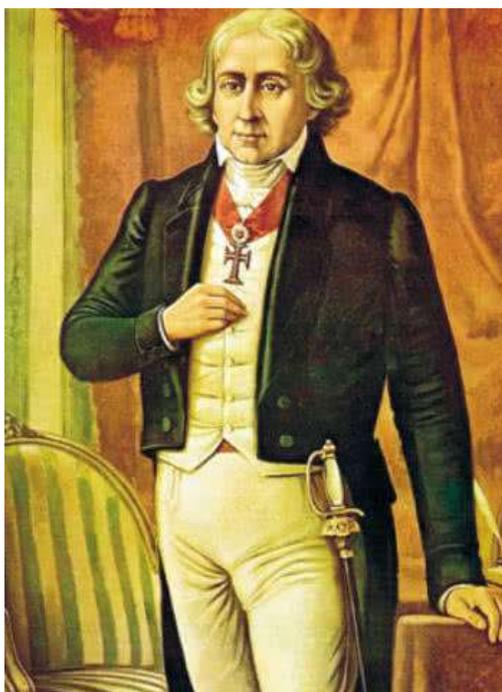
É um fato curioso no quimbundo (e em outras línguas bantu) que as palavras da 10ª. classe (diminutivos) possam também ser aumentativos. Assim, por exemplo, a palavra, conhecida nossa, *Kalunga*, é apresentada pelo clássico Alexis Kagame (1976, pp. 135 e ss.), como um dos diversos nomes conferidos a “Deus” nas línguas bantu: *lunga* (*ku-lunga*) é juntar, e assim Deus é o diminutivo/aumentativo: aquele que, por excelência, junta: o “juntadorzão” (não esqueçamos que, em nossa tradição cristã, o diabo, *diábolos* é aquele-que-separa).

Antes de ficarmos perplexos ante a dúvida de se Deus é juntador... (...zinho ou ...zão), recordemo-nos que, nós mesmos também usamos o diminutivo como aumentativo! Quando o pão de queijo acaba de sair do forno e está em sua máxima temperatura, dizemos: “aproveita, que está quentinho”. Se o filho é idêntico ao pai, é igualzinho; a moça extremamente apaixonada está “caidinha” pelo rapaz e o jogador que maximamente pontua no basquete é o “cestinha”. Uso que é de influência africana ou, ao menos, por ela potencializada.

## Caipira

Embora Houaiss indique a datação de 1872, a palavra aparece na BN já em 1823 (“O Tamoyo” RJ, 02-09-1823) em um texto de notável importância para a história do jornalismo: trata-se de uma das primeiras entrevistas na imprensa brasileira e mundial. Diz o entrevistador, que assina Tapuia: “huma conversação franca e amigável, que antes de hontem tive com este raro Paulista e optimo patriota, o nosso Velho do Rocio” O “Velho do Rocio” é ninguém menos do que José Bonifácio de Andrada e Silva. É ele quem emprega por primeira vez na BN a palavra “caipira”, aplicando-a, sinceramente ou não, a si mesmo:

Se o imperador Tito, bom Pagão, não fazia cazo, diz Xefelino, de injurias e menoscabos, porque nada obrava, que merecesse reprehensão, porque não deverá seguir tão generozo exemplo hum caipira de S. Paulo?



<https://www.todamateria.com.br/jose-bonifacio/>

## Caipirinha / caipiroska

Caipirinha, originalmente um apelido muito utilizado por homens e mulheres, é muito difícil de datar na BN. Felizmente, topamos com uma preciosa pista de datação: a revista “O Cruzeiro” (RJ, 1-12-1948), na “Receita da Semana”, ensina a fazer caipirinha e, por ser novidade, explica: “A caipirinha é um aperitivo muito usado no Estado de São Paulo, principalmente para ser servido antes da feijoada”. Já “caipiroska” é muito fácil de datar: aparece por primeira vez na BN trinta anos depois, em anúncio do Pica-Pau Bar Bicão, que oferece a “irresistível caipiroska (de vodka)” (“Jornal do Brasil”, RJ, 21-11-1979).

Outros trinta anos e “caipirinha” e “caipiroska” passam a integrar nada menos que o Dicionário de Oxford: em julho de 2009 encontram-se na versão 4.0 em CD-

ROM do Oxford English Dictionary, com o significado, história e pronúncia de mais de meio milhão de palavras.

### **Cair a ficha**

A expressão é relativamente recente. Aparece por primeira vez na BN em 1998, em fala da atriz Irene Ravache, perplexa ante o incêndio do aeroporto Santos Dumont:

Irene Ravache, carioca que mora em São Paulo, ficou “engasgada” logo de manhã. “Custou a cair a ficha”. (“Jornal do Brasil”, RJ 14-2-1998).

É, ao que tudo indica, calcada do inglês: “*the penny has dropped*”, definida pelo Oxford English Dictionary (1989) como: “situação ou afirmação tardiamente compreendida”, “alguém que reage tardiamente”, “com alusão ao mecanismo da moeda em uma máquina caça-níqueis”<sup>2</sup>. O OED traz abonos já das décadas de 40 e 50.

### **Cara<sup>3</sup> (& Cia.)**

Evidentemente a busca pela datação de “cara” foi muito difícil, já que não é possível isolar a palavra “cara” em seu sentido de gíria. Por sorte, topamos com uma inesperada pista. A gíria “cara” parece ter se firmado na década de 50: na BN, “O Jornal do Rio de Janeiro” (9-12-1956) emprega a expressão “cara legal” entre aspas (e “legal” já era corrente na década anterior) e julga conveniente lhe dar autoria e explicar seu significado: “[Fulano] tem nome de gangster de cinema, mas é um ‘cara legal’ (como diria o Jorge Veiga), cem por cento”.

No falar coloquial brasileiro – permeado de afetividade, eufemismos e personalidade –, diversas palavras geralmente usadas para indicar indeterminação do sujeito nem sempre cumprem essa função; ao sabor do contexto, por vezes restringem ou mesmo suprimem a indeterminação e acrescentam sutis aspectos novos à comunicação, transitando do genérico ao pessoal e vice-versa.

Começamos pela palavra *cara* (como veremos, super ampla, mas preferentemente referindo-se a homens). À primeira vista, esgota-se no verbete do *Houaiss*: “Indivíduo qualquer; sujeito, pessoa”. Ou na do *Aurélio*: “Pessoa que não se conhece. Indivíduo; sujeito.” Assim, cara é usado também para o caso padrão, o um qualquer, o *uno* do espanhol: “O cara para ir daqui até o Rio paga uma fortuna de pedágio”.

Essa conotação impessoal é, aliás, o que dá graça à canção do Roberto Carlos, quando o indeterminado (alguém que “pensa em você toda hora”, “que está todo tempo querendo te ver”, “que está do seu lado pro que der e vier”, enfim, o “herói esperado por toda mulher”) acaba por assumir uma identidade: “Esse cara sou eu”.

Mas, as surpresas logo surgem, a primeira delas é a apontada por ambos os dicionários: salta-se do indeterminado “pessoa que não se conhece” para “forma de

---

<sup>2</sup> “‘The penny has dropped’”: a situation or statement has belatedly been comprehended; one has reacted belatedly. With allusion to the mechanism of a penny-in-the-slot machine”.

<sup>3</sup> A partir do 2º. Parágrafo, extraído, com ligeiras alterações, do artigo: “Sujeito indeterminado”, que publiquei em 2012 na revista *Língua Portuguesa*, v. 85, p. 26-28.

tratamento com familiaridade” (Aurélio) e “interlocutório pessoal” (Houaiss): “Cara, com você eu posso me abrir...”. E buscas no Google (25-05-12) de “Cara, eu te amo” e “Eu te amo, cara”, somadas superam um milhão de resultados!

*Cara*, pode também referir-se ao próprio falante, deliberando com seus botões, falando consigo mesmo; como naquela publicidade televisiva da Net: “E aí eu pensei: Cara, está na hora de eu ter o Net Now”. “Não costumo dar esmola, mas ao ver aquela miséria, eu disse: Cara, vou dar um dinheiro”.

As contradições se sucedem: *cara* tem um lado pejorativo, de tirar solenidade e importância a pomposas autoridades e trazê-las de volta ao mundo dos humanos comuns, como no caso da adolescente da publicidade: “Eu leio o Estadão porque o cara que prepara o vestibular também lê”. Ou na fala do professor: “Na Idade Média, se os cardeais demoravam (em ocasiões, meses) para eleger um novo Papa, deixavam os caras a pão e água para que o Espírito Santo os iluminasse...”

Por outro lado, *cara* é o autor de proezas: “O cara é o único brasileiro profissional de beisebol nos Estados Unidos”. E “o cara” é o melhor, “o cara que vai e resolve! Neymar é o cara!”

Mas “cara” é também o protagonista de casos exóticos, esquisitos, inusitados, como digamos: “Meu, o cara come cachorro quente com chantilly!” ou “O cara é capaz de beber uma latinha de cerveja de um gole só”. A linguagem escorregada do Jornal Nacional se recusa a empregar esse vocábulo, mesmo em situações nas quais ele seria o mais indicado. A edição de 27-04-2012, apresentou uma matéria sobre um inglês falsificador de pintores célebres, que, após um ano de cadeia, regenerou-se e hoje o cara ganha muito mais vendendo legalmente suas cópias de quadros famosos. Qualquer brasileiro que relatasse esse fato diria “cara”, mas William Bonner optou pelo correspondente menos vulgar e um tanto antiquado, “sujeito” (para não retroceder ao arcaico “camarada”): “Marcos Losekann traz o caso de um sujeito...”. Buscando no Google (26-05-12) “esse sujeito” temos 320.000 resultados; 3,5% dos 8.800.000 de “esse cara”!

O diminutivo “carinha” (/ “nego” ou “neguinho”) cabe melhor em situações desfavoráveis: “O ônibus estava tão cheio, que tinha carinha saindo pela janela”; “Rolou tanta cachaça, que tinha carinha vomitando direto”. Ou para designar funcionários subalternos: “Severino, daqui a pouco vai vir um carinha da pizzaria fazer uma entrega, pode deixar subir”. Também em casos de pretensão descabida de um “sujeitinho metido”: “O carinha errou todas e continuava se achando o Messi”. Ou outras más qualidades: sujeitinho/carinha atrevido, egoísta, mal educado, nojento etc.

Sendo “cara” muito amplo, em algumas ocasiões restringimos para indeterminados menos indeterminados: “os homens” (ou “os home”, “os homi”), para o adversário do futebol: “Putz, gol dos home!”; para a polícia, fiscais do rapa etc. Já no jargão da polícia, o indeterminado para marginais ou suspeitos é “o elemento”. Menos ofensivo, mas ainda no negativo, está “o indivíduo”: “Basta você parar num semáforo e já vem um indivíduo pedir” ou “Estacionamos e aí já apareceu um indivíduo oferecendo-se para tomar conta do carro”. Mais neutro, cabe também “um fulano” (com as devidas variações em fulana, fulaninho, fulaninha): “Eu estava andando no centro e vi um fulano sendo assaltado”. Já “mulher”, como vocativo, pode expressar a visão preconceituosa do homem que se dirige à companheira: “Presta atenção e dirige direito, mulher!”. Ou: “Dá para parar com esse ciúme histérico, mulher!”. Outros vocativos convocam a assumir a postura própria da classe, torcida, partido, corporação: “Que que é isso, companheiro?” (militante trotskista tomando Coca-Cola!); “Atitude, mano!” (Gavião tem que sair na porrada com a Mancha) etc.

Muito usado antigamente era “o cristão”, em casos que requeriam virtudes como a paciência: “Não há cristão que aguente”.

Para o brasileiro, campeão de eufemismo, “moço”, e especialmente o feminino, “moça” ou “menina” (com quase 50 anos de carreira, ainda hoje só se fala em “as meninas” do Quarteto em Cy), pode designar uma pessoa qualquer, não necessariamente jovem... Ou algum serviçal: “Ih, a bateria arriou, minha neta, sobe e chama o moço da portaria”. Ou o mais formal, já em desuso: “Um cavalheiro deixou este envelope para você”.

Indeterminado, designando um qualquer, está também “o cidadão”: “Já pedi mil vezes para me tirar da lista, mas o cidadão continua me enviando e-mails de publicidade”.

Nessa mesma dialética, tão a gosto do brasileiro, estão outros nossos usos do impessoal que se torna pessoal: se o francês diz *on* (“*En Espagne on dine rarement avant 22 heures*”), no falar daqui prevalece o “você”, para que o interlocutor sinta de modo pessoal a situação de que fala: “Na Espanha, você não janta antes das dez”. A aproximação pessoal dá-se também em nossos usos da palavra “gente”. Na Espanha, “*la gente*” indica a pluralidade genérica; no português esse uso (como no Hino da Independência “Brava gente brasileira...” ou em Camões: “A grita se alevanta ao céu, da gente”) dá lugar a outro, carregado de sentido pessoal, como no vocativo, que evoca incredulidade, ante a falta de virtude humana: “Gente! Que crueldade fizeram com a criança!”, no qual cabe o recurso ao transcendente para corroborar o espanto: “Gente do céu!”. A pluralidade anônima de “*la gente*” é pessoalizada em “minha gente”; na ocupação do lugar dos pronomes de 1ª pessoa: “eu” (como veremos no verbete “Como quem não quer nada”); “nós outros” (“Por que não vem jantar com a gente?”) e “nós todos” (“Bem que a gente podia se reunir mais”). E, aparentemente no sentido contrário, o tratamento pessoal por formas genéricas, neutras, que parecem ampliar a dignidade ou o âmbito do interlocutor: “E aí, chefia, ...” (chefia é mais geral, mais amplo, mais indeterminado do que o concreto “chefe”); “Ô, malandragem, vê aí mais um misto quente...”; “Firme aí, simpatia?”; “Vai com calma, amizade!”. Etc.

E mesmo o genericíssimo “a pessoa”, pode indicar simplesmente “eu” (v. verbete “Como quem não quer nada”). Já “pessoinha” presta-se a ser o modo afetivo de se referir a fofas crianças, bebês (mesmo ainda os nascituros) ou até animais: “Não chama a Sissi de cachorro, ela não sabe que é cachorro; ela pensa que ela é uma pessoinha”.

Para finalizar, imagine a perplexidade de um turista japonês ou suíço ouvindo um típico telefonema comercial (digamos, da Florêncio de Abreu ou da Sta. Efigênia) em que se misturam formas adocicadas de tratamento com palavrões. O Chicão, da loja de ferramentas, fala com Mendonça, seu fornecedor: “... Já sei, meu querido, mas o pedido veio errado, car%\$#@! Eu tinha encomendado cinco grosas do sextavado e vocês me mandaram do outro... Não, meu bem, eu só preciso do hexagonal: sextavado, porra!... Você me troca ainda hoje? Tá obrigado, abração, meu querido”.

Difícil é fazer a gringalhada entender essas e outras sutilezas de nossa língua; afinal, pelo menos algum requinte o brauca tinha que ter.

### **Careca de saber**

A primeira aparição na BN é de 1960, na “Última Hora” (SP, 26-71960): “Como você deve estar careca de saber, detrimento quer dizer prejuízo”.

Surgiu como alternativa, com um toque lúdico, à muito antiga expressão “cansado de saber”, que surge na BN já em 1837, recolhendo-a do espanhol na tradução da “Biografia de José Schubri”, publicada no “Jornal do Commercio” (RJ, 01-12-1837):

He bom advertir que o pai de Schubri, cansado de saber que seus rixdalers e thalers se gastavam em vinhos do Reno e banquetes (...) havia decidido não dar-lhe real

### **Cartola (do futebol)**

A palavra “cartola” já era usada para designar figurões em geral e pouco antes de 1940 aplica-se também – frequentemente de modo pejorativo – a dirigente de futebol. Sendo gíria nova, durante a década de 40 vem entre aspas. No “Sport Ilustrado”, um dos primeiros e mais importantes jornais da imprensa esportiva, “cartola” aparece por primeira vez em 28-03-1940, em artigo denunciando o excesso de competições internacionais criadas – por interesses suspeitos – pela Confederação Brasileira de Desportos (a entidade que mandava no futebol à época), sacrificando nossos “jogadores completamente exgottados”, “enquanto os ‘cartolas’ à mesa da ‘falada’ cordialidade e do ‘commercialissimo’ intercambio sul-americano, se brindam alegremente (...)”. Uma sugestiva lembrança, mais de 80 anos depois, a propósito da polêmica decisão de o Brasil sediar, em plena pandemia, a Copa América de 2021.

### **Catimbar, catimbeiro**

Só tardiamente aplicada ao futebol, “catimba” indica “manha, astúcia, malícia” (Houaiss) e já aparece na BN em 1922, quando um personagem de peça de teatro leva o público à gargalhada “na scena da partida de pocker, quando ele tenta fazer catimba e sae logrado” (“Jornal do Brasil”, RJ, 06-09-1922).

Na antiga gíria infantil havia a expressão “catimba condena” – a trapaça não compensa (?) –, usada em caso de manobras escusas nos jogos:

“[falando do senso de justiça infantil...] Quantos cascudos você não aplicou, nos companheiros, por um rolo de barbante, um papagaio furado, uma *catimba condena* em jogo de bola de gude?” (“Jornal do Brasil”, RJ, 06-02-1938).

E ante a injusta anulação, pelo árbitro, de um gol válido de Vevé, comenta o “Jornal dos Sports” (RJ, 24-12-1943):

“Mas, catimba condena, como se diz na gíria dos guris cariocas, e o próprio Vevé, nas mesmas condições, (um minuto depois...) marca outro goal sensacional”.

Houaiss diz que a origem etimológica de catimba é duvidosa; uma possível pista nesse sentido é dada pelo “Diário Carioca” (27-02-1938), na matéria “Em Recife, a policia não dá folga aos macumbeiros”. Após descrever a apreensão, em casa de um tal José de Almeida, de “farto material de Xangô e Catimbó [cultos de origem africana]”, conclui:

“o catimbeiro [do Catimbó] foi intimado a comparecer à delegacia de costumes”.

Catimbeiro no futebol aparece na BN em 1954, no “Correio da Manhã” (RJ, 06-06-1954):

“[O Araponga como se sabe...] não existiu nem existirá maior confusionista, maior catimbeiro do que êle, pinta antiga do futebol da areia...”.

Na década seguinte, catimba, catimbar, catimbeiro e fazer catimba povoam intensamente a crônica futebolística.

### **Cavar (um pênalti, um cargo etc.)**

Já desde o fim do século XIX era usado simplesmente como sinônimo de obter – “(a companhia nacional de teatro) tratou de cavar pessoal nacional que pudesse fazer face à companhia portuguesa (O Rio-Nú, 21-04-1900); “deixe o pobre homem em paz cavar a sua vida” (O Rio-Nú, 14-12-1898). No sentido de obter algo por meios tortuosos, aparece já em 1910, como novidade da gíria, aplicado sobretudo a maracutaías políticas:

*Cavar*, afinal, é não trabalhar, não conquistar o recurso pelo esforço exclusivo do cérebro ou dos braços (...), mas *morder* o Estado, a Nação, o Tesouro (...) com *negociatas* ou nomeações... (“Fon-Fon” RJ, 09-07-1910)

E em 1909, o “Jornal do Brasil” (RJ, 25-07-1909), acusa uma “exposição” de ser mera fachada, para desviar fundos do erário, denunciando-a precisamente como uma “cavação”.

Em 1954 (“O Poti”, RN, 21-12-1954), aparece na BN “cavar pênalti”, e o futebol, com suas manhas, passa a ser o campo principal da “cavação”...

### **Chilique / faniquito / piripaque**

As duas primeiras palavras são muito antigas. A primeira aparição de “faniquito” na BN é de 1839 (“Monitor Campista”, RJ, 22-06-1839), falando de uma moça teimosa, que: “em sendo contrariada, chora, arrepela-se, carpe-se, e por ultimo da-lhe o faniquito, desmaia”.

“Chilique” surge na BN em 1879, numa seção de anedotas da “Gazeta de Noticias” (RJ, 15-02-1879): em um banquete de bodas, o criado está a servir a canja e, desastrado, derruba o caldo todo em uma senhora que trajava rico vestido de cetim e a convidada “deita um “faniquito”:

O criado, desnortado, inclina-se para a senhora do chilique e diz-lhe com ar triunfante: - Não se assuste minha senhora; na cozinha ainda ha canja.

Já “piripaque” é bem mais recente. Em “O Fluminense” (17-07-1991), o ministro Rogério Magri (famoso por ter criado o neologismo: “imexível”) se diz “vítima de um ‘piripaque’” e explica o significado de mais esta invenção :

(Piripaque) é um termo popular, o mesmo que piti.

## Com a corda toda / com a bola toda

A primeira aparição na BN é de 1893:

A Bibi estava com a corda toda, falou, falou, e depois deitou-se para baixo e apagou a luz. (“Diario de Noticias”, PA, 7-12-1893)

“Estar com a bola toda” é uma das tantas criações (de 1975?) do narrador esportivo Osmar Santos. A primeira aparição na BN dá-se na revista “Realidade” (RJ) em janeiro de 1976:

E ganharam o segundo, o terceiro, o quarto e o quinto jogo. Aí o técnico milagreiro estava com a bola toda e foi contratado por um timão da Capital.

E logo a expressão se difunde notavelmente. Em 22 de outubro de 1977, encontramos na revista Manchete, este anúncio da rádio Globo, que recolhe vários bordões de Osmar Santos, encabeçados por aquele que viria a ser o mais popular e duradouro:



## Como quem não quer nada / Conversa vai, conversa vem / Brincando, brincando...

Essas expressões merecem ser agrupadas e tratadas na mesma análise. Para minha surpresa, as três são arraigadíssimas no uso: frequentes e muito antigas. Todas datam de meados do século XIX na BN e, apesar de serem coloquiais, cada uma das duas primeiras comparece nesse banco de dados mais de 1000 vezes! Mas, os aspectos semânticos são o que mais importam e deles trataremos após registrar as primeiras incidências na BN.

“Conversa vai, conversa vem” aparece na BN em 1854, no “Periodico dos Pobres” (RJ, 08-06-1854), que noticia um caso policial digno de cinema. Um preso, réu de homicídio, devia ser transferido para outra cidade (em lombo de burro, pelas inóspitas picadas do sertão da Paraíba) para ser submetido ao tribunal do júri. O oficial que comandava a pequena escolta – “moço de um coração de pomba sem fel” e

inexperiente – permitiu que o simpático e falante irmão do criminoso os acompanhasse em todo o percurso, confraternizando com os guardas e, talvez, pagando-lhes, nas vendas das vilas do caminho, petiscos e caçaças... Com as demoras da viagem e com os atrasos para convocar os jurados, aconteceu a inevitável fuga, assim explicada: “conversa vai, conversa vem, o preso (...) foi-se como um passarinho”.

“**Como quem não quer nada**” é ainda mais antiga na BN: já ocorre em 1844. O “Diario Novo” (PE, 21-08-1844) celebra a vitória eleitoral de seus candidatos contra os candidatos da oposição, que, embora aparentando desapego aos cargos, valiam-se da intimidação da força policial: “como quem não quer nada... (...) contavam com a *ajuda de Deos e da polícia do senhor Alexandrino*”!

“**Brincando, brincando**” tem sua primeira aparição na BN em 1845: os médicos não devem subestimar os leigos, pois esses acabam tendo, por vias informais, conhecimentos médicos: “tanto dá agua molle em pedra dura que, brincando, brincando abranda e fura” (“*Annaes da Medicina Brasiliense*” RJ, outubro de 1845”).

A semântica das expressões indica uma ação que parece acontecer à margem da ação direta da vontade do agente: no caso de “conversa vai...”, o resultado não parecia um objetivo visado, mas “acabou acontecendo”; em “como quem não quer nada”, o resultado acaba por ocorrer, “apesar” da inaparente “inocência” do dissimulado fingidor; e também no desprezioso brincar, brincar, as coisas acabam acontecendo.

Cada uma a seu modo, as três expressões são casos de uma forte tendência brasileira – na verdade luso-brasileira – de esconder e aparentar excluir (ou diminuir...) o protagonismo do eu na ação: em lugar de um sujeito, as ações são causadas por forças outras, no caso limite, à margem do imperativo da vontade do agente.

Exclui-se, assim, a arrogância (“eu faço, eu chovo, eu aconteço...”) e também a responsabilidade... “Sabe como é, eu sei que era para guardar segredo, mas conversa vai, conversa vem... eu acabei contando”. Ou “o cachorro parecia que estava manso e comportado e aí, como quem não quer nada... de repente, arrancou um bife da perna do filho da vizinha...”. Ou ainda: “Agora inventou-se uma nova e desta vez perigosa mania: a de dirigir automovel. Todo mundo entende, discutem-se as marcas, fala-se de ‘diferencial’ entre as moças (...) Brincando, brincando, o pedestre vai sendo liquidado em benefício do tráfego” (“*Diario Carioca*, 19-03-1949).



“Brincando, brincando, eu ia ficando para tia (...), depois do aparecimento da Garantia Dotal o Alfredo pediu-me em casamento”. Anúncio do recém fundado (e suspeitíssimo...) consórcio “Garantia Dotal” (“*Jornal do Commercio*”, RJ, 30-8-1914), que proveria o dotes para quando a consorciada se casasse.

“Acabou acontecendo”, “de repente”, “sabe como é”, “a carne é fraca” etc. São formas de reforçar a “involuntariedade” do ato. Como os famosos bordões do Chaves: “Foi sem querer, querendo...” ou “Me escapuliu (*se me chispoteó*)”.

Para começar a falar sobre o império (ou não) da vontade nas ações, trazemos aqui dois deliciosos usos da linguagem em Portugal.

Ao contrário dos espanhóis, que tendem à interpelação direta, em Portugal prevalece a formal delicadeza no trato, o não criar caso. Nesse sentido, chama a atenção que, por vezes, os portugueses empregam a expressão “por acaso”, no sentido de “não por acaso” (pois sendo “por acaso” não é culpa de ninguém...). Caricaturizando, se eu estou pisando o pé de alguém em um ônibus lotado, em vez de ouvir uma queixa agressiva, pode vir a sutil indicação: “Olhe lá, não quero estar a maçar, mas por acaso o meu pé está debaixo do seu e, por acaso, pode talvez vir a incomodar...”.

Outra forma de eludir o querer na ação é o lusitaníssimo “já agora”. Copio de “A causa das coisas”, do notável escritor português Miguel Esteves Cardoso (2018):

“*Já agora*” é uma expressão portuguesa talvez única no mundo. Noutras culturas tratar-se-ia de pleonasma. Por cá, nem por isso. O “*já agora*” e a variante popular “já que estás com a mão na massa...” significam a forma convencional de desejo.

Nós por cá não gostamos de dizer que “queremos” as coisas. Entre nós “querer” é uma violência. Por isso, quando chegamos a um café dizemos que “queríamos” um café. Ou antes, “vou querer um café”. Se alguém oferece uma aguardente diz-se “*já agora...*”. Tudo se passa no pretérito, no condicional...

O “*já agora*” representa uma espécie de resignação perante o destino. Combina-se um encontro para o meio-dia. O outro atrasa-se no trânsito. Passam vinte minutos do meio-dia. Olha para o relógio e vê que está atrasado. E aceitando o atraso decide que “*já agora*” toma mais um café e acaba de ler o jornal... O desgraçado que chegou pontualmente já está à espera há meia hora. Mas, como já esperou meia hora, em vez de mandar o outro às urtigas, “*já agora*” espera mais um “quarto de horinha”. Talvez por isso haja muito quem diga que o problema de se ser pontual é que nunca está lá ninguém para reconhecer o facto!...

Come-se em excesso porque “*já agora*”, já que veio esta sobremesa que era uma pena deixar, come-se mais do que se precisa. Bebe-se demais porque, no momento de pedir a conta, basta uma pequena demora para justificar beber-se mais um copo: “*já agora*”, mais um uisquizeiro enquanto a gente espera, ou na versão mais sofisticada, enquanto a gente paga a conta.

Na verdade, o absoluto protagonismo do “eu” nas ações é uma ilusão, já relativizado na famosa sentença de Ortega, na qual a circunstância é promovida ao nível do eu: “Eu sou eu e minha circunstância...”.

E é que nem sempre temos domínio sobre nossas ações... Muito do que fazemos instala-se em uma voz verbal, muito utilizada pelos antigos, a Voz Média, que transcende o estreito binômio voz ativa / voz passiva, que a gramática quer impor a nosso modo de pensar. Estamos tão acostumados a considerar que o verbo só admite as duas formas de voz (ativa e passiva) que nem podemos imaginar uma terceira. Ativa e passiva – assim pensamos à primeira vista – esgotam todas as possibilidades (o que poderia haver além de “Eu bebi a água” e “A água foi bebida por mim?”). E

como o pensamento está em dependência de interação dialética com a linguagem, o fato de nossa língua (como, em geral, as línguas modernas) não admitir uma terceira opção – a Voz Média, que não é ativa nem passiva – constitui um grave estreitamento em nossas possibilidades de percepção da realidade.

A voz média é um rico recurso – encontrado por exemplo no grego –, que permite expressar (e perceber e pensar) situações de realidade que não se enquadram bem como puramente ativas nem como puramente passivas. Isto é, há ações que são protagonizadas por mim, mas que, na realidade, não o são em grau predominante: há tal influência do exterior e de outros fatores que não posso propriamente dizer que são plenamente minhas. O eu estende-se à circunstância... O latim se vale de verbos chamados depoentes precisamente para essas ações minhas mas que não são predominantemente minhas; eu as protagonizo, mas não sou senhor delas, estou condicionado fortemente por fatores que transcendem o eu e sua vontade de ação. É o caso, por exemplo, do verbo *nascor*, nascer (nascer-nascido). O verbo nascer, a rigor, não é ativo nem passivo: eu nasço ou sou nascido? Sim, certamente sou eu que nasço, mas estou longe de exercer de modo totalmente ativo e independente esta ação (“Com licença, eu vou nascer...”); e por isto o inglês usa nascer na passiva: *I was born...* O mesmo acontece, por exemplo com o morrer: a ação é minha, mas não o é... Com a perda da Voz Média, o português perdeu não apenas um recurso de linguagem, mas sobretudo um poderoso recurso de pensamento, de captação / expressão de imensas regiões da realidade. De fato, é uma violência para com a realidade que empreguemos, por exemplo, o verbo “surtar” como ativo: “O Giba é assim, ele surta a toda hora”. Como se o pobre Gilberto tivesse total controle sobre o que o faz surtar... As canções de Paulinho da Viola trabalham muito com a Voz Média. O samba “Timoneiro” – do qual procede o verso: “Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar...” – é um maravilhoso exemplo dessas ações que o latim expressa por verbos depoentes. Não sou plenamente dono do meu navegar; quem me navega é o mar:

“E o mar não tem cabelos que a gente possa agarrar...”.

Este “a gente” no lugar do “eu” já nos remete a outra preferência nacional, útil para nossa discussão: usarmos o indeterminado em vez do pronome pessoal “eu”.

Assim, para tirar o foco do eu, o que poderia parecer interesseiro, pode-se usar o indeterminado “os outros”, mas aplicado a si mesmo, com a aparência de reivindicar uma justiça geral. Assim, diz o marido que dá um tranco no fulano que estava mexendo com sua esposa: “Isso é para você aprender a se engraçar com a mulher dos outros” (nada pessoal...). Ou a Mariazinha, queixando-se do Joãozinho para a “tia” que a agride da carteira de trás: “Professora, o Joãozinho está dando tapa na orelha dos outros”. Ou com aspecto ainda mais genérico, mas determinadíssimo: “Professora, tem gente dando tapa na orelha dos outros”.

Nessa mesma linha, tão a gosto do brasileiro, estão outros nossos usos dos genericísimos “impessoais” (“a gente”, “a pessoa” “o cidadão” etc.), que podem substituir o “eu”, como na queixa do motorista da madame: “Pôxa, a gente se esforça para agradar e a patroa ainda reclama da gente”. Ou na do marido “Pôxa, a pessoa se mata de trabalhar o dia todo e não pode chegar em casa e ver o jogo do Corinthians em paz”.

Nesse campo, o de abdicar da responsabilidade pessoal em favor de “forças anônimas”, a medalha de ouro vai para Arão, em uma das mais conhecidas cenas bíblicas. Moisés subira à montanha (Ex 24 e ss.) para receber detalhadas instruções de Iahweh (que incluem não só as tábuas da lei, mas até pormenores sobre o modo de vestir dos sacerdotes), deixando Arão encarregado do povo. Vendo que Moisés tardava (Ex 32) - a ausência durava já quarenta dias e quarenta noites -, o povo pede a

Arão que lhes *faça* um deus. Arão faz uma grande coleta de ouro e – abominação suprema! – fabrica um ídolo: o bezerro de ouro - ao mesmo tempo que, ambiguamente, proclama uma festa para Iahweh (!?).

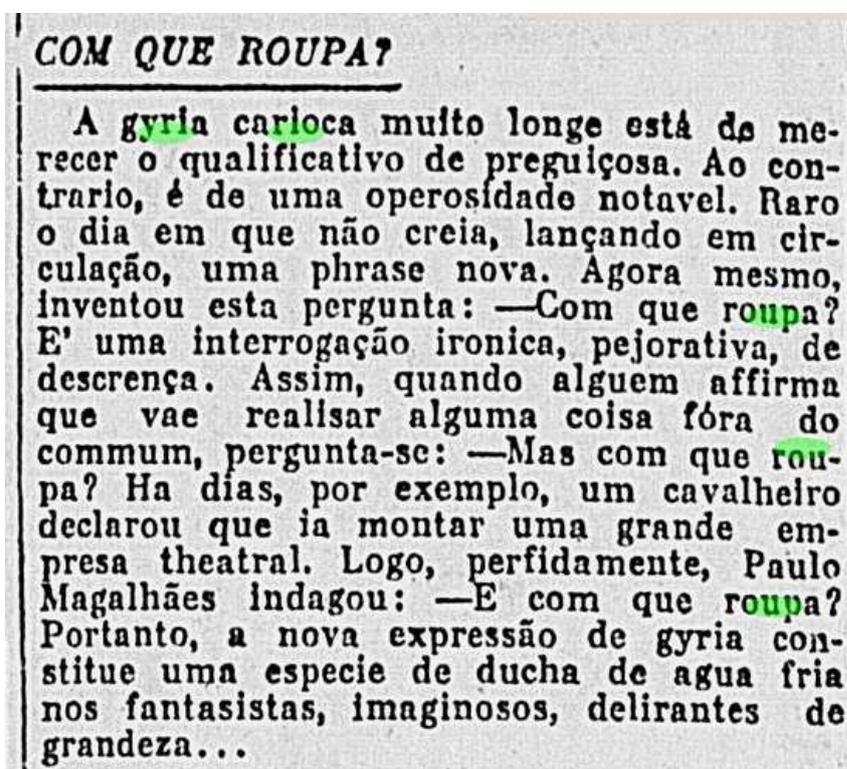
Moisés, ao saber da orgia idolátrica, desce enfurecido, quebra as tábuas da Lei, destrói o ídolo e interpela Arão, que responde: “Eles queriam um deus, deram-me o ouro, eu o lancei no fogo e *saiu* este bezerro”.

Conversa vai, conversa vem, como quem não quer nada, brincando, brincando, o eu atinge seus objetivos, sem se comprometer...

### Com que roupa?

Em declínio desde o fim da década de 50, esta gíria, que antecede em cerca de dois anos o imortal samba, de estrondoso sucesso, lançado no final de 1930, era antigamente muitíssimo usada.

Na BN encontramos uma “certidão de nascimento” da expressão em “A Noite” (RJ, 05-02-1929):



A expressão refere-se, portanto, não necessariamente à vestimenta, mas aos reais recursos de que alguém pode dispor, semelhantemente ao uso estendido, para além do âmbito monetário, que fazemos atualmente da palavra “cacife”, como quando se diz: “A oposição não tem cacife (político) para impedir essa reforma”. Por exemplo, ainda em plena crise mundial, a revista satírica “Careta” (RJ, 03-03-1933), comentava:

O Governo nacional vai retomar os pagamentos de nossas dividas no exterior agrupadas no *funding*. Está muito bem. Mas com que roupa?

Veio daí a origem dos satíricos versos de Noel Rosa que, por sua vez, consolidaram, na época, a expressão:

Com que roupa?

Agora vou mudar minha conduta  
Eu vou pra luta pois eu quero me aprumar  
Vou tratar você com a força bruta  
Pra poder me reabilitar

Pois esta vida não está sopa  
E eu pergunto: com que roupa?  
Com que roupa que eu vou  
Pro samba que você me convidou?  
Com que roupa que eu vou  
Pro samba que você me convidou?

Agora eu não ando mais fagueiro  
Pois o dinheiro não é fácil de ganhar  
Mesmo eu sendo um cabra trapaceiro  
Não consigo ter nem pra gastar

Eu já corri de vento em popa  
Mas agora com que roupa?  
Com que roupa que eu vou  
Pro samba que você me convidou?  
Com que roupa que eu vou  
Pro samba que você me convidou?

Eu hoje estou pulando como sapo  
Pra ver se escapo desta praga de urubu  
Já estou coberto de farrapo  
Eu vou acabar ficando nu

Meu terno já virou estopa  
E eu nem sei mais com que roupa  
Com que roupa que eu vou  
Pro samba que você me convidou?  
Com que roupa que eu vou  
Pro samba que você me convidou?

Seu português agora deu o fora  
Já foi-se embora e levou seu capital  
Esqueceu quem tanto amou outrora  
Foi no Adamastor pra Portugal

Pra se casar com uma cachopa  
Mas agora com que roupa?  
Com que roupa que eu vou  
Pro samba que você me convidou?

### **Correr atrás do prejuízo**

Aparece na BN no “Jornal do Brasil” (RJ, 21-01-1983”), em declaração de um homem que tinha sido assaltado:

Marco Antonio disse que vai “correr atrás do prejuízo”. Isso é tentar receber alguma coisa, pois perdeu toda a roupa e alguns objetos.

Claro que não demorou muito para que a expressão fosse usada para o futebol – como no caso do time que sofre dois gols logo no início do jogo – e outros setores da vida (p. ex.: exagerei nas festas de fim de ano e agora é dieta e academia, para correr atrás do prejuízo).

### **Custar os olhos da cara**

Significa empenhar vultosos recursos de dinheiro ou de esforços. Nossa expressão é radical: compromete os dois olhos; na Espanha, apenas um (“costar un ojo de la cara”) ou um rim “un riñón” (ou ainda *un cojón*). Em inglês, o sacrifício também poupa um membro do par: “to cost an arm and a leg”. Na BN, a expressão aparece já em 1840 na BN: “M. Ollier veio então ao conhecimento do que havia motivado o engano do jardineiro, e custarão-lhe os olhos da cara para desabuzal-o” (Diario de Pernambuco, 21-01-1840).

## **D**

### **Décimo segundo jogador**

A expressão, antes de ser identificada com a torcida – o que vai ocorrer só em 1944 – aparece antes algumas poucas vezes: aplicada a um juiz faccioso, a um craque que jogou “por dois” ou a um perna de pau do time adversário... Em 24-04-1944, o cronista Geraldo Romualdo da Silva, em detalhado artigo de página inteira ilustrada de “O Globo Sportivo” (RJ), “O jogador número 12”, identifica – e a associação ficará para sempre – o “décimo segundo jogador” com a torcida. Nobremente, embora botafoguense, o jornalista exalta a torcida do Flamengo: “esse décimo segundo jogador é a torcida do Flamengo”. Rapidamente, todos os times passam a reconhecer sua torcida como um jogador adicional e, já em 1947, até o modesto jornalzinho escolar do Colégio Catarinense, conclama os alunos a prestigiar o time da escola, mesmo na má fase, “pois aí é que ele precisa do décimo segundo jogador” (“O Colegial”, junho de 1947).

### **Deixa como está para ver como é que fica**

Expressão – hoje caindo em desuso – popularizada como a marca registrada da política de Getúlio Vargas e talvez por ele cunhada.

A primeira aparição na BN é de 1932:

Deste modo, mais uma vez o sr. Getulio Vargas resolveu uma situação difícil com a sua fórmula sempre adequada a todas as situações: “Vamos deixar como está, para ver como é que fica...” (“Diario de Noticias “ RJ, 09-01-1932)



(“O Careta” RJ, 28-08-1954 – edição que se seguiu imediatamente ao suicídio de Getúlio)

### **Descascar o abacaxi**

Metáfora quase centenária na BN, em sua primeira aparição (1929) vem com a irônica dificuldade adicional de descascar a fruta com uma lâmina de barbear:

... os embaixadores não teriam pretendido descascar o abacaxi com uma lamina Gillette...

(“Diario Carioca”, 19-11-1929)

No Brasil, não poderiam faltar caricaturas do futebol:



(“Jornal dos Sports” RJ, 01-03-1956)

### Desgramado

Antigamente havia um tabu com a palavra “desgraçado”. Como expressa Adélia Prado (2016, p. 150) em seu poema “Códigos” (in “O Coração Disparado”):

Filho da puta se falava na minha casa,  
desgraçado, nunca, porque graça é de Deus.

“Desgraçado” servia tanto como pesado insulto, como para intensivo (“o goleiro teve uma sorte desgraçada”). Em qualquer caso, para evitar a palavra tabu, uma das formas eufemísticas (na linha de “caraca!” ou “putz!”) é “desgramado”, que já aparece na BN em 1925:

... mas as “demoiselles” não me largaram e hoje devem estar num  
“pleur de souvenir” desgramado...  
(“D. Quixote” RJ, 13-05-1925)

Outro exemplo:

Pedro sahiu, desesperado. E, em casa, dando vazão a seu odio:  
- Ah, desgramado! unha de fome! véio azarado!  
(“Vida Capichaba”, 07-02-1931)

### **(um) Deus nos acuda**

Vale registrar que a primeira expressão é antiquíssima. Aparece na BN em 1825, referindo-se a uma confusão no Parlamento, causada por políticos de má índole, um missivista conclui:

A tal sucia foi hum Deus nos acuda.  
("Imperio do Brasil – Diario Fluminense", 03-01-1825)

### **Deus lhe dê muito que dar**

Esta belíssima fórmula de agradecimento expressa um muito profundo sentido de gratidão. Ante uma pessoa autenticamente generosa, podemos expressar reconhecimento, louvor e até a obrigação de retribuir ("obrigado"). Mas essa fórmula tradicional portuguesa vai além: intuimos que a alma magnânima, que abre mão de pensar em si e ajuda o próximo, de algum modo espelha a grandiosidade do próprio Deus e atrai Suas bênçãos, multiplicando-lhe os bens, (porque e) para que possa exercer, cada vez mais, a generosidade: "Deus lhe dê muito que dar". É tristemente sintomático que essa sentença tenha caído em desuso entre nós e ficado restrita aos arcaicos cânticos de petição da Folia de Reis, que a BN registra somente um par de vezes – em 1915 e em 1888:

Deus lhe pague a bella esmola,  
Deus lhe dê muito que dar.  
("Diario de Noticias" RJ, 16-01-1888).

### **(é) Dose... (...para elefante / ...cavalo / ...leão)**

Já no século XIX havia a tradicional expressão "dose cavalari", que se aplicava para fazer referência a quaisquer quantidades descomunais, como por exemplo, já em sua primeira aparição na BN, para o golpe de um lucro indevido de 400 contos de réis ("O Paiz", RJ, 17-05-1891). Na esteira dessa expressão, na década de 60, começam a surgir na BN variações de expressões ligadas à dosimetria para animais de grande porte, logo abreviadas, pela lei do mínimo esforço, para simplesmente "É dose". Por essa mesma lei, limitamo-nos à imprensa carioca: Leão 159 incidências; Elefante, 158 e Cavalo, 45. Ficou em último lugar o cavalo, logo o único a quem a expressão se pode aplicar e se aplicava literalmente: veterinários realmente prescrevem doses para cavalo. A seguir apresentamos as primeiras de cada bicho:

[O governador Carvalho Pinto, manejando uma máquina fotográfica]  
"Puxa, que máquina pesada. Ela é dose para elefante". ("Tribuna da Imprensa", RJ, 09-11-1960)

O grupo Aragarças-Jacareacanga diziam que não aturavam seu senso de legalidade ("é dose para cavalo...", comentavam a boca pequena).  
("O Mundo Ilustrado", RJ, 27-09-1962)

...vamos promover o enterro do Botafogo. Já pensou o que é um time ter que aturar a quinta derrota consecutiva? É dose para leão. ("Jornal dos Sports", RJ, 09-11-1969)

Na década seguinte, ao sabor do hiperbolismo tupiniquim, amplia-se ainda mais o espectro de animais gigantescos:

Ser vascaíno é dose para hipopótamo; americano, então, é dose para dinossauro; e do Fluminense eu quero distância. (“Jornal dos Sports”, RJ, 19-08-1971)

## Referências

Antunes, Camila et al. **Entre Trilhos**. Monografia (graduação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação da Umesp, São Bernardo do Campo, 2014. Disponível em: <http://www.aeefsj.org.br/site/wp-content/uploads/2016/03/Entre-Trilhos-Livro.pdf> Acesso em 20-5-2021.

Buarque de Holanda, S., **Raízes do Brasil**, José Olympio Ed., Rio de Janeiro, 24 ed., 1992.

Cardoso, Miguel E. **A Causa das coisas**, Porto Editora: 2008, 2a. ed. , 2018, e-book.

Guimarães Rosa, J. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 19ª. ed., 2001.

Kagame, Alexis **La philosophie Bantu comparée**, Paris, Présence Africaine, 1976

Marías, Julián **Memorias – Una vida presente I**, Madrid: Alianza, 1989.

Mencari, Felipe Prado “**São Wenceslau**”: o governo Wenceslau Braz na imprensa de humor (1914-1918). Diss. Mestrado em História Social, UFF: 2019. <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2315.pdf>, Acesso em 20-5-2021.

**Oxford English Dictionary**, Oxford University Press, 2nd. ed., 1989.

Palombini, C. **Fonograma 108.077**: o lundu de George W. Johnson. Per Musi, Belo Horizonte, n.23, 2011, p.58-70 <https://www.scielo.br/pdf/pm/n23/n23a07.pdf>. Acesso em 20-5-2021.

Pompeu de Toledo, Robero **A capital da vertigem**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

Prado, Adélia **Poesia reunida**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: 2016.

Recebido para publicação em 05-06-21; aceito em 17-07-21